

Para entender Chico Science & Nação Zumbi¹

To understand Chico Science & Nação Zumbi

Francisco de Assis

Jornalista formado pela Universidade de Taubaté – Unitau. Mestrando em Comunicação Social e pós-graduando em Jornalismo Cultural, ambos pela Universidade Metodista de São Paulo – Umesp.

Considerado um dos grupos mais significativos da Música Popular Brasileira, Chico Science & Nação Zumbi (CSNZ) marcou a década de 1990 por uma série de motivos: sua rápida ascensão à cena musical, a capacidade de unir elementos típicos do cancioneiro nordestino brasileiro a ritmos e tendências internacionais, a idealização de um movimento denominado Mangubeat² e, não menos importante, em virtude da figura emblemática de seu vocalista e compositor, morto tragicamente num acidente de carro, em fevereiro de 1997. Num período de aproximadamente sete anos, a banda originada em Recife, capital de Pernambuco, tornou-se um misto de artefatos musicais e poéticos completamente distintos e surpreendentemente ligados com harmonia, tal como um Janus capaz de ser, em um só, o fim e o começo, o passado e o futuro, o *folk* e o *pop*.

É com base nesse panorama que *Hibridismos musicais de Chico Science & Nação Zumbi*, publicado pela Ateliê Editorial, chega às livrarias com a proposta de oferecer uma nova leitura a respeito das misturas musicais e culturais que deram norte aos primeiros anos de vida do grupo e do Mangubeat. Fruto dos estudos de Herom Vargas, professor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – IMES e da Universidade Metodista de São Paulo – Umesp, o livro busca respostas que dão conta de explicar a importância e a influência de CSNZ para a música brasileira, situando-o no contexto musical da América Latina.

Apresentado originalmente como tese de doutorado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, o conteúdo caracteriza-se como um material reflexivo, ponderado e amparado por conceitos-chave sobre os múltiplos sentidos do termo cultura. Trata-se de uma série sistemática de análises das canções gravadas nos discos *Da lama ao caos* (1994) e *Afrociberdelia* (1996), cujo resultado demonstra que o estilo que tomou conta da produção do grupo une espécies rítmico-musicais típicas de seu lugar de origem com gêneros característicos do mundo globalizado. Tal confluência, segundo as observações do autor, multiplica-se em sete processos muito particulares, que vão desde as batidas sincopadas do maracatu, acentuadas pelo compasso do *rock*, da *soul music* e do *funk*, passando pela adequação das cirandas de roda à cadência das falas, até a valorização de códigos intrínsecos às canções populares urbanas.

Embasado em rica pesquisa bibliográfica acerca dos conceitos acadêmicos e científicos sobre o campo cultural, Vargas priorizou autores latino-americanos, como Néstor Canclini, Jesús Martín-Barbero, Renato Ortiz e Fernando Ortiz, para discutir os cruzamentos que conferem sentido às músicas por ele analisadas. Assim, também questionou se é possível um campo ser contornado e/ou delineado, se o próprio sentido de hibridismo ultrapassa qualquer limite – estético, geográfico, de significados etc. – para privilegiar contatos e enlaces.

Aspecto relevante do livro é que ele não trata somente das músicas e letras contidas nos dois discos aqui mencionados. Ao contrário, contextualiza a representatividade de Chico Science & Nação Zumbi no próprio cenário em que emergiram – a capital pernambucana –,

¹ VARGAS, Herom. *Hibridismos musicais de Chico Science & Nação Zumbi*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2007. 248 p.

² Também grafado como “Mangubeat” ou “Mangue Beat”. Aqui, contudo, adota-se a grafia utilizada por Herom Vargas: “Mangubeat”.

apontando algumas “batalhas” que marcaram a trajetória do grupo. Entre essas, destaca-se o debate entre as posturas dos jovens músicos e as do escritor Ariano Suassuna, defensor ferrenho das tradições populares do Nordeste. Nos anos 1970, Suassuna criou o Movimento Armonial, no qual propunha críticas às influências externas e às suas interferências na cultura nordestina para, assim, poder produzir uma arte brasileira erudita com base nas heranças populares da cultura do País. E essa divergência é fácil de ser compreendida.

Se, por um lado, Suassuna defendia a valorização única e exclusiva da cultura pernambucana – e de suas raízes ancestrais baseadas no sertão –, por outro, CSNZ estabelecia um pacto de releitura entre o folclore musical nordestino e os elementos musicais “universais”, difundidos aos quatro cantos do mundo por meio de produtos das indústrias culturais e pela mídia. Para ser fiel às argumentações do autor, cumpre dizer que esse sincretismo não se ateu ao “respeito” e à “falsa devoção” consagrados ao patrimônio folclórico de Pernambuco; ao invés disso, projetou a cultura popular pernambucana no panorama global da música. O próprio nome do Mangubeat corresponde a uma metáfora a respeito do “mangue”, considerado o ecossistema mais rico do planeta, no qual se encontra a maior diversidade de espécies. Assim como na natureza, a agitação cultural proposta por Chico Science & Nação Zumbi e por outros grupos engajados no movimento, como o Mundo Livre S/A, liderado por Fred Zero Quatro, buscava diversificar as formas de expressão musical características de sua região, levando-as para um espaço mais amplo e aberto a novas tendências.

São colocações dessa natureza que tornam instigantes os quatro capítulos da obra e conduzem a uma reflexão a respeito dos caminhos tomados pela cultura brasileira em tempos de globalização, que cada vez mais se intensifica em decorrência das inovações midiáticas.

Além desses tópicos, um apêndice – originado de trabalhos outrora apresentados em eventos internacionais, tais como o 8º Congresso Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação (Celacom) e o 5º Congresso da Seção Latino-Americana da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular – complementa as discussões em torno das particularidades do hibridismo nas músicas populares da América Latina.

Em pontos específicos do livro, o autor também fez um resgate histórico em torno dos “sons e ritmos regionais” do Brasil, como o maracatu, e dos “gêneros globalizados”, como o *rock* e seus subgêneros (*hard rock*, *heavy metal* e *punk rock*), ilustrando com maior clareza suas considerações sobre o tema tratado. Com isso, ele relacionou todos esses estilos com a própria trajetória dos músicos do CSNZ e dos grupos adeptos ao movimento do Mangubeat. Além do mais, mostrou como tais manifestações contaminaram outras formas de expressão cultural, como o cinema, a moda e as artes plásticas, fortalecendo a própria cultura recifense.

Hibridismos musicais de Chico Science & Nação Zumbi deve se tornar leitura essencial para quem quer compreender a dicotomia tradicionalismo *versus* mercantilização das culturas populares proporcionada em pleno Nordeste. Isso porque Herom Vargas promoveu um verdadeiro diálogo entre as fronteiras de dentro e de fora do ambiente em que se manifestou o fenômeno musical de CSNZ. Fenômeno não apenas do ponto de vista da relação do grupo com seu público, como também da relação estabelecida entre o Mangubeat e as novas demandas e exigências do mundo pós-moderno. E é exatamente esse hibridismo – como o próprio nome da obra denuncia – que dá vida a uma produção cultural tão singular e tão valiosa na América Latina e no Brasil.